



DOMINÓ DE HISTÓRIA

no Vestibular



N.º 10

Maio de 2004

Distribuição Gratuita



SUPER SEMI- EXTENSIVO

40 aulas

Mesma carga horária
do **EXTENSIVO**
(detalhes e vantagens: pág. 8)

**Dicionário de
HISTÓRIA**
para Vestibulandos
(informações na página 7)

Alunos do Dominó

Notas na UFRGS 2004

Alunos	Antes	Depois	do Curso
Tiziani	7	20	Extensivo
Ana	8	19	Extensivo
Luciana	9	25	Extensivo
Marta	10	18	Extensivo
Natália P.	11	24	Extensivo
Fabrcio	12	22	Extensivo
Lorenzo	13	19	Extensivo
Mariana	13	22	Extensivo
Natália B.	13	26	Intensivo
Daisy	14	21	Extensivo
Airi	14	22	Extensivo
Carolina H.	14	23	Revisão
Amanda	14	23	Extensivo
Carolina V.	15	23	Extensivo
Ana Paula	15	23	Extensivo
Marcos	15	25	Extensivo
Paula B.	16	21	Semi-extensivo
Thais	16	22	Semi-extensivo
Neice	16	23	Extensivo
Paula L.	17	22	Extensivo
Caroline	17	23	Extensivo
Letícia	17	23	Extensivo
Vanessa	18	24	Intensivo

O GOVERNO GOULART E O GOLPE DE 1964

(Resumos de História do Brasil - a República Populista - páginas 2 a 6)



Resumo

João Goulart fez uma carreira meteórica. Em 1947 era deputado estadual. Em 1961 era presidente da República. No intervalo de 14 anos foi ministro de Vargas nos anos 50, vice-presidente na chapa de Juscelino em 55, e em 60 acabou eleito vice-presidente de Jânio Quadros, apesar de ser da chapa contrária. Em 61, assumiu como presidente em um sistema parlamentarista, após a renúncia de Jânio. Em 63 o Presidencialismo foi restaurado. Um ano depois Jango foi deposto. Morreu no exílio em 1976.

VESTIBULARES - incluí informações cobradas sobre os governos Vargas, Dutra, Juscelino, Jânio Quadros e João Goulart (= Jango).

FONTES: relatos de auxiliares de João Goulart (ministros, etc.) e de Brizola (Paulo Schilling e Maia Neto, dos quais parte a maior parte das críticas ao ex-presidente). Também foi utilizado o diário do general que iniciou o golpe, Mourão Filho.

BRASIL - 1945 a 1964

Fim da Ditadura do ESTADO NOVO

Em 1945, Vargas manobrou para continuar no poder. Estimulou o "**QUEREMISMO**", movimento que defendia a sua permanência enquanto não ficasse pronta a Constituição. O ditador criou dois partidos, o PSD e o PTB. Surgiram mais 12 partidos, dos quais vale a pena mencionar apenas 3: a UDN, que era radicalmente anti-Vargas; o PCB e o PSP. Vargas foi deposto antes das eleições que deram vitória general Gaspar Dutra.

A REPÚBLICA POPULISTA

Da queda de Vargas (45) até a de Goulart (64). Nenhum presidente jamais se disse populista. Para vestibulares, o **POPULISMO é a manipulação das aspirações das massas populares**. Presidentes do período: Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho (vice de Vargas), Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart (vice de Jânio).

OS PARTIDOS

O **PSD**, Partido Social Democrático, era composto por membros da elite do Estado Novo, ex-interventores, diretores de estatais e outras instâncias burocráticas. Também integrado por latifundiários e banqueiros. Foi o primeiro partido criado por Vargas. Nas eleições coligava-se com o outro criado por Getúlio: o PTB. Mas quando o assunto debatido (reforma agrária, direitos trabalhistas, greve) afetava os seus interesses de classe, o PSD não sentia constrangimento em abandonar o PTB e votar junto com a UDN. A coligação PSD-PTB elegeu Dutra (1945) e Juscelino Kubitschek (1955).

O **PTB** (Partido Trabalhista Brasileiro) quase não nasceu, pois não conseguiu o número de assinaturas exigido pela Justiça Eleitoral. Getúlio mandou buscar assinaturas no PSD. Vargas criou o PTB para impedir que ao proletariado restasse apenas a opção do PCB, pois sabia que o povão não se sentiria representado pelo PSD. Integrado por membros da estrutura sindical, os pelegos. Vargas elegeu-se em 50 pelo PTB, coligado com o PSP.

O **PSP** (Partido Social Progressista) pertencia a um homem (Adhemar de Barros) que tinha sido interventor (governador nomeado) em São Paulo durante a ditadura getulista. O PSP só era importante em SP. Apoiou Vargas em 50 e esperava ser apoiado em 55. Atribuía-se a ele o slogan "**Eu roubo, mas eu faço**".

O **PCB** (Partido Comunista Brasileiro) criado em 1922 e proibido no mesmo ano, voltou à legalidade em 1945. Conquistou 10% dos votos e elegeu Luis Carlos PRESTES senador e vários deputados. Em 1947 o registro do partido foi cassado. Só voltou a existir em 1988.

A **UDN** (União Democrática Nacional) era heterogênea, mas tinha um elemento aglutinador: ser contra Vargas, suas propostas nacionalistas e criações de estatais. O udenista mais conhecido foi Carlos LACERDA, jornalista, deputado federal e governador da Guanabara. Mais de uma vez o partido atentou contra Vargas, JK e Goulart: tentativa de impeachment, impedimento de posse e a deposição. Foi a grande perdedora das eleições. Para alcançar o poder, coligou-se com o desconhecido partido de Jânio Quadros, o PTN.

GOVERNO DUTRA

No seu governo foram gastos milhões de dólares acumulados com as exportações na Segunda Guerra Mundial. As importações foram feitas para combater a inflação (caiu de 22% para 3%) do pós-guerra. Seu Plano **SALTE** (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia) não saiu muito do papel.

Os EUA adoraram o seu governo, que rompeu relações diplomáticas com a URSS e cassou o PCB.

SEGUNDO GOVERNO VARGAS

Vargas elegeu-se pela chapa PTB-PSP. Parte do eleitorado do PSD abandonou o seu candidato (Cristiano) no meio da campanha e apoiou Vargas. Getúlio deu um ministério à UDN, mas não recebeu apoio do partido, pelo contrário. Sofreu uma campanha raivosa que terminou com a sua morte, quando "**saiu da vida para entrar na História**". Os demais ministérios ficaram com o PSD e o PSP. O PTB, seu partido, ficou apenas com o do Trabalho. Getúlio:

"O Partido não precisa de ministérios, pois já tem o presidente".

No seu governo foi criada a Petrobrás. O salário mínimo recebeu um aumento de 100%, proposto por Goulart, ministro do Trabalho. O aumento irritou os militares, que temiam a tentativa de atrair a classe trabalhadora para uma nova ditadura, a "República Sindicalista".

Vargas entregou a Carta Testamento a Jango e profetizou:

"Depois de mim, vão atacar a ti".

GOVERNO JK

Para tomar posse, foi preciso a intervenção do Exército, através do Marechal LOTT, que prendeu os envolvidos, o vice Café Filho e o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Ambos acabaram impedidos (impeachment) pelo Parlamento.

JK beneficiou-se em ter Goulart como vice, que obteve 500 mil votos a mais do que o presidente. O **Plano de Metas** alcançou grande desenvolvimento (lema: "**50 anos de progresso em 5 de governo**"), com a instalação das indústrias de bens duráveis (eletrodomésticos e automóveis).

Para combater a seca, foi criada a **SUDENE**. Para apoiar o Desenvolvimentismo, foi efetivado o **ISEB** (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), criado no período de Café Filho.

O desenvolvimento não chegou ao campo: trabalhadores estavam submetidos ao "**sistema de barracão**", recebendo em vales e usando os mesmos para adquirir comida no armazém da fazenda em que trabalhavam. Lá tudo era mais caro e uma dívida era contraída. O trabalhador não podia deixar a fazenda sem quitar o débito. Uma reforma agrária era urgente e JK criou um lema para voltar à presidência em 1965:

"5 anos de agricultura, 50 anos de fartura".

GOVERNO JÂNIO QUADROS

O candidato Jânio sabotou o seu vice, Milton Campos, da UDN. Instruiu seus cabos eleitorais a pedirem votos para o vice da chapa adversária (PSD-PTB), Goulart. Surgiu a chapa clandestina "**JAN-JAN**" (Jânio e Jango), que foi eleita. A legislação eleitoral não obrigava a votar em candidatos da mesma chapa. Prometia varrer a corrupção do país e adotou uma **vassoura** como símbolo da campanha.

No começo do governo, queixou-se que era impossível governar com aquele congresso, embora não enviasse projetos para votação. Preparou o golpe: mandou o vice para a China Comunista e depois apresentou uma carta de renúncia, que ele esperava que não fosse aceita, pois imaginava que a população não aceitaria um vice de esquerda. A renúncia foi aceita e ninguém veio em socorro daquele presidente histriônico, que proibia biquínis, corridas de cavalos, rinhas de galo, lança-perfume e espetáculos de hipnose.

Os EUA não gostaram da Política Externa Independente, simbolizada pela condecoração de ministro do comércio de Cuba, Che Guevara.



A CAMPANHA DA LEGALIDADE

Os ministros militares se opuseram à posse de Goulart, mas Brizola, governador do RS e cunhado do vice, organizou a resistência e obteve adesão do 3º Exército, bem como dos governadores do Paraná e Goiás. O impasse foi decidido com a adoção do **sistema parlamentarista**, que seria submetido a um **plebiscito** em abril de 65, nove meses antes de findar o mandato de Goulart. Foi o primeiro atrito entre Brizola e Jango. Não havia o que negociar com os golpistas, pensava Brizola.

A FASE PARLAMENTARISTA

O parlamentarismo entrou na história republicana brasileira como um golpe branco. O deputado responsável pela emenda, o gaúcho **RAUL PILLA**, já vinha batalhando por isso desde 1946. Era a sua quarta tentativa. O país estava cheio de **presidenciáveis**: JK (PSD), Adhemar (PSP), Lacerda (UDN), Magalhães Pinto (UDN), Brizola (PTB). Todos queriam o presidencialismo. **O Plebiscito foi antecipado** para janeiro de 63. O Parlamentarismo foi rejeitado por 80% da população.

O RETORNO AO PRESIDENCIALISMO

Jango recuperou três anos de mandato: 63, 64 e 65. Apresentou o **Plano Trienal** de Desenvolvimento, abandonado no mesmo ano de 63. Motivo: o plano permitia reajustar os salários em 40%, mas o governo deu aumentos superiores a 50%.

O CUNHADO

Brizola era cunhado de Jango. Isso o tornava ineleável como candidato a presidente. Como governador do RS, havia **estatizado** as filiais de empresas dos EUA: a Bond & Share e a ITT. Os EUA pressionavam Jango por uma indenização de acordo com os critérios dos antigos proprietários. Nos EUA, foi aprovada a emenda Hickenlooper, que proibia a concessão de empréstimos a países que não indenizassem empresas americanas de forma satisfatória. Se cedesse aos EUA, Jango aumentaria suas divergências com o cunhado.

O CAPITAL ESTRANGEIRO

Sempre foi grande a interferência estrangeira (privada ou estatal) nos negócios brasileiros. Antes da criação da Petrobrás, um geólogo dos EUA afirmou que o petróleo que jorrava no poço de Lobato (Bahia) era comprado em Salvador e despejado no poço. No governo Jango, íamos comprar helicópteros da Polônia e pagar com café estragado, usado como adubo. O embaixador dos EUA reclamou do "negócio inamistoso" (a Polônia era comunista) e a transação foi suspensa.

Depois da "ousadia" de Brizola, as multinacionais procuraram se proteger internamente. Nas eleições de 62, financiariam candidatos comprometidos com a "livre-iniciativa" e inimigos de projetos de estatização. Dois órgãos foram usados: o **IBAD** (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e o **IPES** (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais). O IBAD foi fechado porque não explicou a origem do dinheiro que empregava nas campanhas eleitorais. Mas foi tarde demais: já tinha eleito a sua bancada. O IPES reunia militares e empresários nacionais, que, através de cursos e 300 mil livros, alardeavam que o governo de Jango era sinônimo de caos, comunismo e guerra civil.

ESQUERDA x DIREITA

A origem desses rótulos políticos foi a Revolução Francesa (1789): o grupo identificado com os interesses da pequena burguesia e dos setores populares localizava-se na ala **ESQUERDA** da Assembléia. Os defensores dos interesses das elites e da manutenção do poder do Rei, ficavam na ala **DIREITA**.

Brasil, anos 60:

ESQUERDA - os setores "progressistas", que queriam mudanças que beneficiassem a população. Defensores das reformas de base.

DIREITA - os conservadores ou "reacionários". Inimigos das reformas de base. Tinham um grande temor em relação ao comunismo.

OS TRABALHADORES

Vinham se organizando de forma independente do governo através do CGT (**Comando Geral dos Trabalhadores**). Jango tentou controlar o CGT, mas quando viu que não conseguiria, estimulou a formação de uma outra central, a União Geral dos Trabalhadores, mas acabou se acertando com o CGT. O problema do CGT é que ele só era forte no setor estatal, onde não havia repressão. No setor privado era débil.

GREVES

A principal arma dos trabalhadores era a greve. Em 1953 (Vargas), a "Greve dos 300 mil" obteve aumento salarial de 53%. Em 63, a "Greve dos 700 mil" pediu 100% e ganhou 80%. Surgiram **greves políticas**: pela antecipação do plebiscito sobre o parlamentarismo, contra um certo ministro ou pela aprovação das reformas de base. Para a cúpula militar, a eclosão de greves era indício de **infiltração comunista**.

CAMPONESSES

No RS havia o **MASTER** (Movimento dos Agricultores Sem-Terra) e no nordeste, as **Ligas Camponesas**, lideradas pelo deputado **Francisco Julião**. As leis trabalhistas chegaram ao campo em 1963, atrasadas 20 anos em relação à CLT (Consolidação das Leis do Trabalho, de Vargas, 1943): o Estatuto do Trabalhador Rural. Por que as leis demoraram tanto? Porque o Congresso sempre fora dominado pelo PSD e UDN, ambos latifundiários e conservadores. Em 1962, o PTB cresceu e superou a UDN. No RS, Brizola havia iniciado uma reforma agrária no Banhado do Colégio. O Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, obrigou os Senhores de Engenho a pagar o salário mínimo.

REFORMAS DE BASE

As reformas de Jango: a **agrária** criaria novos proprietários e libertaria os camponeses do barracão. A **eleitoral** daria voto aos analfabetos e a eleição de sargentos e soldados. A **urbana** financiaria a casa própria para pobres, livrando-os do aluguel. Havia outras: **administrativa** (contra a burocracia e a corrupção), a **bancária** (abaixar os juros), a **universitária**, a **educacional**. Jango insistia no caráter cristão das reformas, garantindo que elas estavam de acordo com as encíclicas papais "Pacem in Terris" e "Mater et Magistra".

A DIREITA

Os latifundiários, os sindicatos patronais, a grande imprensa, a Igreja Católica, os generais reacionários, os EUA, os governadores de oposição (Lacerda na Guanabara, Magalhães Pinto em MG e Adhemar em SP), entidades femininas... Todos estavam se preparando espiritual e belicamente para o confronto. Armas eram contrabandeadas pelos conspiradores. A empresa aérea Cruzeiro do Sul garantia passagens de avião gratuitas aos envolvidos na conspiração.

AS ESQUERDAS

A **FPN** (Frente Parlamentar Nacionalista), com deputados de 9 partidos, defendendo as riquezas brasileiras contra a penetração imperialista. Em 1962 surgiu a **FMP** (Frente de Mobilização Popular), liderada por Brizola e com a participação da FPN, do CGT, da UNE (União Nacional dos Estudantes), da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), do PUA (Pacto de Unidade e Ação) e outras entidades, todos defendendo as reformas de base. Um dos seus slogans era "**Manda Brasa**": Jango deveria abandonar a conciliação com as classes dominantes e partir para a implantação imediata das reformas, inclusive através de plebiscito. Jango, para o Ministro da Justiça:

"Converse com as esquerdas, dê uma conversada com o Arraes, dialogue muito em toda a parte.

"Mas nada dê às esquerdas".

Brizola contou aos membros da FMP uma conversa com o cunhado:

"Ô Jango, ou tu troteia, ou sai da estrada".



ESTADO DE SÍTIO

O governador **Lacerda** deu uma entrevista ao LOS ANGELES TIMES pedindo uma intervenção dos EUA. Jango mandou prender Lacerda, mas a informação vazou e Lacerda escapou. Os militares que foram prendê-lo negaram que estavam lá para isso, afirmando que estavam apenas fazendo exercícios militares com viaturas. Um vexame.

Jango solicitou ao Congresso a decretação de Estado de Sítio, que é a circunstância em que as garantias constitucionais ficam suspensas, podendo o governo fazer prisões sem mandato, invadir casas, grampear telefones, abrir a correspondência, proibir reuniões de qualquer tipo, etc. Suspeitava-se que Jango ia prender e depor Lacerda, da direita; e Arraes, o governador de Pernambuco (esquerda). Todos se manifestaram contra o sítio: Brizola, UNE, CGT, a esquerda em geral e a direita também. Jango retirou o pedido para evitar um não vexaminoso no Congresso. Esquerda e direita desconfiaram que Jango pretendia dar um golpe.

MARÇO DE 1964

Em janeiro, Jango regulamentou a lei de remessa de lucros. No dia 13 de março, ocorreu o grande comício da **Central do Brasil**. Jango assinou dois decretos: o que estatizava as 5 refinarias particulares (que passariam à Petrobras) e o que fazia desapropriações ao longo das ferrovias e estradas federais. Pretendia fazer mais comícios-monstro até o dia 1º de maio. O governador de SP, Adhemar, aquele cujo contrabando de armas Josué Guimarães denunciou a Jango, avisava: "**não sei se dará tempo**", confessando, portanto, que um golpe estava marcado.

Um documento assinado por Castelo Branco (**Lealdade ao Exército**) circulava entre os militares garantindo que não era mais obrigação obedecer àquele governo. Os chefes militares pediram a Jango providências contra Adhemar e Castelo. Jango disse que trataria disso depois da Páscoa e foi para o RS passar o feriado numa fazenda. A classe média fez a "**Marcha da Família com Deus pela Liberdade**" contra Jango.

O INÍCIO DO FIM

O **general Mourão**, que iniciou o golpe, partiu de Juiz de Fora (MG) em direção ao RJ. Sua tropa era formada basicamente de recrutas e estava quase desarmada. Castelo entrou em pânico (ainda não sabia qual seria a posição que Krueel ia tomar) e mandou que eles recuassem para não serem massacrados. Mas Mourão era impetuoso. O General Assis Brasil disse que não sabia como aquilo estava acontecendo. Generais legalistas sugeriram a Jango um bombardeio aéreo. Jango concordou, mas em vez de bombas seriam lançados panfletos. Era tal o despreparo do governo que o "bombardeio" foi feito com auxílio de uma mapa da Revista Quatro Rodas.

O "COMPADRE" KRUEL ou CRUEL?

A última esperança dos golpistas e de Jango estava na mesma pessoa, o general Krueel, comandante do II Exército (SP). Em um telefonema Krueel (que ia cuidar dos filhos de Jango caso algo acontecesse) deu garantias a Jango, mas **exigiu que ele dissolvesse** o CGT, a UNE, demitisse seus auxiliares de extrema esquerda e punisse os militares subalternos. Jango respondeu que não poderia se afastar das **forças populares**, justamente aquelas para as quais o governo era importante, enquanto as elites iam bem, com ou sem ele.

BROTHER BRASIL

Em 1961, exilados cubanos desembarcam na baía dos Porcos com a intenção de derrubar Fidel Castro do poder. A invasão foi planejada e financiada pela CIA. A operação foi um fiasco. Os cubanos pediram ajuda à URSS, que instalou uma base de mísseis na ilha. Jango apoiou integralmente os EUA na Crise dos Mísseis. Perguntou a Kennedy por que os EUA não explodiam os mísseis com uma bomba atômica. Kennedy diz que não era possível. Fizeram um brinde: Kennedy à paz; Jango, à vitória dos yankees.

Os EUA não tinham o que reclamar de Jango na questão da Guerra Fria.

BROTHER SAM

Os militares brasileiros insistem que 64 foi uma "contra-revolução" 100% nacional. Os livros: "**1964 visto e comentado pela Casa Branca**", de Marcos Sá Corrêa, "**O Golpe começou em Washington**", de Edmar Morel; e "**O Papel dos EUA no Golpe de Estado de 31 de Março**", da norte-americana Phyllis Parker, desmentem isso. Os EUA temiam que os militares tupiniquins não tivessem competência para depor Jango. Por isso montaram a Operação Brother Sam, uma frota que ia abastecer os golpistas com munições, armamentos e combustível. Não chegou a ser necessária.

O FIM

As tropas terrestres mandadas contra Mourão aderiram à revolta. O dispositivo militar do general Assis Brasil revelou-se uma nulidade. Julião, presidente das Ligas Camponesas, garantiu a Jango que, para realizar a reforma agrária, tinha 100 mil camponeses armados e que podia tomar o nordeste em 5 dias. Em 63, o slogan das Ligas era:

*"Reforma agrária na lei ou na marra,
com flores ou com sangue".*

No dia do golpe, Julião estava procurando um lugar para se esconder. Jango refugiou-se no RS e viu que uma resistência não seria possível. O presidente do Senado, no dia 2 de abril, declarou vaga a presidência da República, o que era ilegal, pois Jango esteve no Brasil até o dia 4, pulando de uma fazenda para outra, tratando da sua vida privada. Jango optou por não resistir por dois motivos:

- 1) Não queria uma guerra civil e derramamento de sangue;
- 2) Acreditava que o golpe militar duraria apenas 48 horas e que a comunidade internacional condenaria os "gorilas". Estava errado: os EUA apressaram-se em reconhecer o novo governo. O presidente da Câmara dos Deputados assumiu a presidência da República e em 10 de abril o general Castelo Branco foi escolhido pelo Congresso para completar o mandato de Jango, que encerrava em 31 de janeiro de 66. Foi o fim do populismo.

OS ERROS DE JANGO

Foram muitos: insistir em dividir o poder com o PSD; aceitar o parlamentarismo; prometer reformas para as classes populares e cercar-se de ministros conservadores; nomear generais de direita; permitir que generais amigos e de confiança fossem afastados ou aposentados pela idade; não punir os conspiradores já descobertos; acreditar no dispositivo militar do general Assis Brasil. Segundo um dos militares conspiradores, Jango desmantelou várias vezes o grupo militar que estava a seu lado.

O PTB

Jango jamais se definiu ideologicamente. Foi presidente do PTB de 1952 a 64. O PTB tinha dois grupos: o **Compacto**, com uma atuação mais doutrinária e conseqüente; e o **Fisiológico**, mais interessado em receber cargos. Era com a ala fisiológica que Jango lidava com maior frequência. Em alguns lugares do nordeste, o PTB era mais direitista que a UDN. Para minar a liderança independente de Bocaiúva Cunha, Jango estimulou a migração de deputados de outros partidos para o PTB. A composição da bancada mudou e assumiu a liderança um homem da confiança de Jango, Doutel de Andrade, aquele que não acreditava na reforma agrária do chefe.

Darcy Ribeiro, ex-chefe da Casa Civil, diz que, "*para levar adiante as Reformas de Base e a Lei de Remessa de Lucros, a Jango, como a Getúlio (em 1954), faltou, na hora da crise, um partido político de militantes, vinculado ao povo e capaz de mobilizá-lo para defender seus próprios interesses*". Paulo Schilling concorda que o PTB não servia e que uma das falhas de Brizola foi a de não organizar um partido revolucionário.

No RS, seu Estado natal, em 1960, Jango fez menos votos que o dissidente **Fernando Ferrari**, que deixou o PTB para fundar o MTR, o Movimento Trabalhista Renovador. O mesmo Ferrari foi autor da lei que deu origem ao Estatuto do Trabalhador Rural.



ESTADO DE SÍTIO

O governador **Lacerda** deu uma entrevista ao LOS ANGELES TIMES pedindo uma intervenção dos EUA. Jango mandou prender Lacerda, mas a informação vazou e Lacerda escapou. Os militares que foram prendê-lo negaram que estavam lá para isso, afirmando que estavam apenas fazendo exercícios militares com viaturas. Um vexame.

Jango solicitou ao Congresso a decretação de Estado de Sítio, que é a circunstância em que as garantias constitucionais ficam suspensas, podendo o governo fazer prisões sem mandato, invadir casas, grampar telefones, abrir a correspondência, proibir reuniões de qualquer tipo, etc. Suspeitava-se que Jango ia prender e depor Lacerda, da direita; e Arraes, o governador de Pernambuco (esquerda). Todos se manifestaram contra o sítio: Brizola, UNE, CGT, a esquerda em geral e a direita também. Jango retirou o pedido para evitar um não vexaminoso no Congresso. Esquerda e direita desconfiaram que Jango pretendia dar um golpe.

MARÇO DE 1964

Em janeiro, Jango regulamentou a lei de remessa de lucros. No dia 13 de março, ocorreu o grande comício da **Central do Brasil**. Jango assinou dois decretos: o que estatizava as 5 refinarias particulares (que passariam à Petrobras) e o que fazia desapropriações ao longo das ferrovias e estradas federais. Pretendia fazer mais comícios-monstro até o dia 1º de maio. O governador de SP, Adhemar, aquele cujo contrabando de armas Josué Guimarães denunciou a Jango, avisava: "**não sei se dará tempo**", confessando, portanto, que um golpe estava marcado.

Um documento assinado por Castelo Branco (**Lealdade ao Exército**) circulava entre os militares garantindo que não era mais obrigação obedecer àquele governo. Os chefes militares pediram a Jango providências contra Adhemar e Castelo. Jango disse que trataria disso depois da Páscoa e foi para o RS passar o feriado numa fazenda. A classe média fez a "**Marcha da Família com Deus pela Liberdade**" contra Jango.

O INÍCIO DO FIM

O **general Mourão**, que iniciou o golpe, partiu de Juiz de Fora (MG) em direção ao RJ. Sua tropa era formada basicamente de recrutas e estava quase desarmada. Castelo entrou em pânico (ainda não sabia qual seria a posição que Krueel ia tomar) e mandou que eles recuassem para não serem massacrados. Mas Mourão era impetuoso. O General Assis Brasil disse que não sabia como aquilo estava acontecendo. Generais legalistas sugeriram a Jango um bombardeio aéreo. Jango concordou, mas em vez de bombas seriam lançados panfletos. Era tal o despreparo do governo que o "bombardeio" foi feito com auxílio de uma mapa da Revista Quatro Rodas.

O "COMPADRE" KRUEL ou CRUEL?

A última esperança dos golpistas e de Jango estava na mesma pessoa, o general Krueel, comandante do II Exército (SP). Em um telefonema Krueel (que ia cuidar dos filhos de Jango caso algo acontecesse) deu garantias a Jango, mas **exigiu que ele dissolvesse** o CGT, a UNE, demitisse seus auxiliares de extrema esquerda e punisse os militares subalternos. Jango respondeu que não poderia se afastar das **forças populares**, justamente aquelas para as quais o governo era importante, enquanto as elites iam bem, com ou sem ele.

BROTHER BRASIL

Em 1961, exilados cubanos desembarcam na baía dos Porcos com a intenção de derrubar Fidel Castro do poder. A invasão foi planejada e financiada pela CIA. A operação foi um fiasco. Os cubanos pediram ajuda à URSS, que instalou uma base de mísseis na ilha. Jango apoiou integralmente os EUA na Crise dos Mísseis. Perguntou a Kennedy por que os EUA não explodiam os mísseis com uma bomba atômica. Kennedy diz que não era possível. Fizeram um brinde: Kennedy à paz; Jango, à vitória dos yankees.

Os EUA não tinham o que reclamar de Jango na questão da Guerra Fria.

BROTHER SAM

Os militares brasileiros insistem que 64 foi uma "contra-revolução" 100% nacional. Os livros: "**1964 visto e comentado pela Casa Branca**", de Marcos Sá Corrêa, "**O Golpe começou em Washington**", de Edmar Morel; e "**O Papel dos EUA no Golpe de Estado de 31 de Março**", da norte-americana Phyllis Parker, desmentem isso. Os EUA temiam que os militares tupiniquins não tivessem competência para depor Jango. Por isso montaram a Operação Brother Sam, uma frota que ia abastecer os golpistas com munições, armamentos e combustível. Não chegou a ser necessária.

O FIM

As tropas terrestres mandadas contra Mourão aderiram à revolta. O dispositivo militar do general Assis Brasil revelou-se uma nulidade. Julião, presidente das Ligas Camponesas, garantiu a Jango que, para realizar a reforma agrária, tinha 100 mil camponeses armados e que podia tomar o nordeste em 5 dias. Em 63, o slogan das Ligas era:

"Reforma agrária na lei ou na marra, com flores ou com sangue".

No dia do golpe, Julião estava procurando um lugar para se esconder. Jango refugiou-se no RS e viu que uma resistência não seria possível. O presidente do Senado, no dia 2 de abril, declarou vaga a presidência da República, o que era ilegal, pois Jango esteve no Brasil até o dia 4, pulando de uma fazenda para outra, tratando da sua vida privada. Jango optou por não resistir por dois motivos:

- 1) Não queria uma guerra civil e derramamento de sangue;
- 2) Acreditava que o golpe militar duraria apenas 48 horas e que a comunidade internacional condenaria os "gorilas". Estava errado: os EUA apressaram-se em reconhecer o novo governo. O presidente da Câmara dos Deputados assumiu a presidência da República e em 10 de abril o general Castelo Branco foi escolhido pelo Congresso para completar o mandato de Jango, que encerrava em 31 de janeiro de 66. Foi o fim do populismo.

OS ERROS DE JANGO

Foram muitos: insistir em dividir o poder com o PSD; aceitar o parlamentarismo; prometer reformas para as classes populares e cercar-se de ministros conservadores; nomear generais de direita; permitir que generais amigos e de confiança fossem afastados ou aposentados pela idade; não punir os conspiradores já descobertos; acreditar no dispositivo militar do general Assis Brasil. Segundo um dos militares conspiradores, Jango desmantelou várias vezes o grupo militar que estava a seu lado.

O PTB

Jango jamais se definiu ideologicamente. Foi presidente do PTB de 1952 a 64. O PTB tinha dois grupos: o **Compacto**, com uma atuação mais doutrinária e conseqüente; e o **Fisiológico**, mais interessado em receber cargos. Era com a ala fisiológica que Jango lidava com maior frequência. Em alguns lugares do nordeste, o PTB era mais direitista que a UDN. Para minar a liderança independente de Bocaiúva Cunha, Jango estimulou a migração de deputados de outros partidos para o PTB. A composição da bancada mudou e assumiu a liderança um homem da confiança de Jango, Doutel de Andrade, aquele que não acreditava na reforma agrária do chefe.

Darcy Ribeiro, ex-chefe da Casa Civil, diz que, "*para levar adiante as Reformas de Base e a Lei de Remessa de Lucros, a Jango, como a Getúlio (em 1954), faltou, na hora da crise, um partido político de militantes, vinculado ao povo e capaz de mobilizá-lo para defender seus próprios interesses*". Paulo Schilling concorda que o PTB não servia e que uma das falhas de Brizola foi a de não organizar um partido revolucionário.

No RS, seu Estado natal, em 1960, Jango fez menos votos que o dissidente **Fernando Ferrari**, que deixou o PTB para fundar o MTR, o Movimento Trabalhista Renovador. O mesmo Ferrari foi autor da lei que deu origem ao Estatuto do Trabalhador Rural.



ERA TUDO MENTIRA

Jango era **comunista** porque foi para a China Comunista. Estava lá por que foi mandado por Jânio.

Jango era **comunista** porque praticava uma política externa independente. Quem criou a política foi Jânio, que condecorou o Che. Jango apoiou Kennedy na Crise do Mísseis.

Jango era **comunista** porque encampou as refinarias. A lei que criou a Petrobrás em 1953 já previa isso.

Jango **ia rasgar a Constituição, implantar uma ditadura** e acabar com a indenização em dinheiro para terras desapropriadas. Os militares deram um golpe, rasgaram duas Constituições (a de 1946 e a que eles mesmos fizeram, a de 1967) e acabaram com a indenização em dinheiro, criando o Estatuto da Terra, ainda em 1964. Jango morreu no exílio. A ditadura durou 21 anos.

O GOLPISTA ARREPENDIDO ?

Mourão, o general que iniciou o golpe, dizia-se uma "**vaca fardada**", pois sempre o passavam para trás. Foi escanteado: mandaram-no presidir a Petrobrás, e depois, para a presidência do Superior Tribunal Militar. Um grupo de militares linha-dura quis, anos depois, jogá-lo em alto mar, com as mãos amarradas, junto com outros políticos.

Veja o que ele pensava de Jango:

"Cada vez que me lembro da fisionomia ultra-simpática e bondosa do Jango, um remorso me fere o coração. Que pena este homem não ter um assessor capaz de lhe mostrar que seu esquema sindicalista e sua política social são cientificamente errados! Porque tenho que confessar para mim mesmo: Jango é um moço estimável (...) Gostaria de estar ao seu lado numa causa justa, pois arriscar-me por ele seria tarefa fácil ao meu coração. E, entretanto, penso até em matá-lo. Deus me livre. O dever de defender este infeliz povo brasileiro tão sofrido leva a gente a cometer atrocidades!"

Sobre um possível fracasso do golpe:

"se nós perdermos a guerra, muitos de nós morrerão; eu próprio estou decidido a me deixar matar. Preso ou fugido, não condiz com a situação de um homem que se lançou à obra tremenda de salvar o seu país e possivelmente a América do Sul (...) Ninguém me prenderá. Morrerei lutando. Nosso sangue impedirá a escravidão do Brasil!"

Sobre a recompensa que não veio:

"A minha promoção parece que não vai sair. Soube que o Costa e Silva está fazendo um trabalho diabólico para impedir (...) Hoje o Costa e Silva me prometeu o Comando do II Exército (...) estou candidato também ao III Exército, (...) mas eu fechei questão: quero um exército!"

Sobre as torturas (que não acabaram):

"O povo atualmente não ama as Forças Armadas que desde 1964 têm servido de instrumento de arbítrio de governantes incultos e antidemocráticos e de executora de inquéritos abusivos e ilegais e de prisões e maus-tratos, como pude comprovar no Nordeste quando fui Comandante do IV Exército e pus fim definitivo a crueldades nazistas".

Sobre os governadores indiretos:

"O critério de escolha dos governadores não poderia ter sido pior, se é que se pode chamar de critério as verdadeiras nomeações (...) para colocar Perachi Barcelos no RS, foi preciso fazer cassações na Assembléia, a fim de se obter maioria. Um escândalo, uma vergonha".

Sobre Costa e Silva (futuro Presidente da República):

"Foi um aluno mediocre da Escola do Estado Maior (...) depois de diplomado, sua fama era de nada querer com os livros, mas gostar exageradamente do jogo. Ao Costa e Silva convidei 3 vezes para chefiar o movimento (1964) e ouvi 3 recusas. Ele estava completamente desinteressado (...) teria mesmo feito uma solicitação para obter uma embaixada do Senhor Goulart."

OUTROS GOLPISTAS

Adhemar, governador de SP que em 64 dizia que "*somente a Virgem pode nos salvar*", foi cassado por corrupção.

Lacerda, governador da Guanabara, foi cassado pelo AI-5.

Juscelino, senador por Goiás, não foi um golpista, mas deu apoio a Castelo. JK acabou cassado. Motivo: ia ganhar as eleições em 65. As preferências, segundo o **IBOPE** de 64: JK, 37%; Lacerda, 25%; Adhemar, 9%; Magalhães Pinto, 7%. Outros dados: 60% da população era favorável à reforma agrária, e 76% era contrária à legalização do PCB. No caso do PCB, a direita tinha conseguido convencer a população.

BIBLIOGRAFIA - Para escrever esse texto, enfrentei enormes dificuldades. A menor foi manusear centenas de informações de dezenas de livros. Isso eu estou acostumado como professor. O problema foi apresentar um texto que não expusesse Jango sempre como um fraco, que é a conclusão da maior parte dos livros. Quando leio que ele era um despreparado, pergunto:

"Quem era preparado? O que era ser preparado?"

As respostas de alguns autores sugerem que eram preparadas pessoas que não chegaram ao poder. O Jô Soares costuma brincar com os ex-ministros da Fazenda, que sempre sabem o que deve ser feito. Mas não sabiam quando eram ministros. Não existe texto de história isento. Admito que não escapei de censurar meu próprio texto. Em 1979 eu tinha 16 anos e estava atrás de informações sobre Jango. Agora em 2004, aos 41, ainda não encerrei a pesquisa. Li muitos livros da direita sobre Jango, mas nenhum deles arranhou a imagem dele. Porém, quando comecei a ler obras escritas pelos seus assessores e, principalmente pelos de Brizola, a coisa mudou. Sugiro que vocês leiam o que puderem. Sei que é inútil citar muitos livros, por isso optei por 6:

JANGO. UM PERFIL (1945-64). De Marco Antonio Villa, Editora Globo, 2004. O professor universitário explorou maravilhosamente uma bibliografia riquíssima. Garanto isso porque tenho 101 dos 127 livros relacionados. Além disso, usou fartamente documentação primária (jornais e revistas dos anos 50 e 60).

A ESQUERDA E O GOLPE DE 1964. De Dênis de Moraes, Editora Espaço e Tempo, 1989. Além de uma ampla bibliografia, o autor valeu-se de uma série de depoimentos (feitos especialmente para a obra) de personagens da época. Para os que já tinham morrido, o jeito foi transcrever depoimentos do filme "Jango", de Sílvio Tendler.

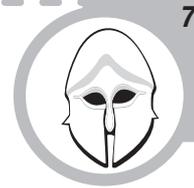
BRASIL, GUERRA-QUENTE NA AMÉRICA LATINA. De João Maia Neto, Editora Civilização Brasileira, 1965. O autor é gaúcho de Taquari e foi secretário da Rádio carioca usada por Brizola para fazer seus pronunciamentos quando deputado da Guanabara. Portanto, um dos personagens da própria história e partiu para o exílio junto aos demais perseguidos pela ditadura militar. Tinha 42 anos quando escreveu o livro e a obra é uma aula de história em geral. Só em sebos.

MEU AMIGO JANGO, de Kenny Braga, Sulina, 2003. Um depoimento dado pelo piloto particular de Jango, que passou parte da vida a serviço de Goulart. Dá para ler em poucas horas.

JANGO, de Luiz Roberto Lopez, IEL, 1990. O livro traz apresenta uma cronologia, análises política e crítica, discurso de Jango e uma bibliografia comentada.

MEMÓRIAS: A VERDADE DE UM REVOLUCIONÁRIO, de Mourão Filho, L&PM, 1978. O general é engraçado. Fala mal de tudo mundo e diz que não gosta de fofoqueiros. Diz que Juscelino, que era médico, só foi para frente porque curou uma gonorréia de Benedito Valadares, o interventor de MG, que o nomeou prefeito de Belo Horizonte. A publicação foi póstuma e a filha (Laurita) do general tentou impedi-la. Por dois motivos: disse que o pai estava doente. O outro motivo é que o pai falava mal de Magalhães Pinto, que nos anos 70 queria ser presidente ainda na ditadura. Laurita queria preservar Magalhães porque o adorava, pois ele tinha dado empregos aos filhos dela e outros parentes. (Coojournal, abril de 1979).

Super dica: Veja o documentário "**JANGO**", de Sílvio Tendler.



DICIONÁRIO para vestibulandos

O objetivo do Dicionário para vestibulando é proporcionar um texto simples e de poucas linhas. Pode ser lido nos intervalos das aulas, na parada do ônibus, etc. Abaixo está uma seleção alfabética de **220 palavras**, que correspondem a mais ou menos **15% do total** de verbetes.

O "Dicionário do Vestibulando" tem como objetivo oferecer uma síntese de vários outros dicionários listados ao lado.

1. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-83) 4 volumes, 3600 páginas,
2. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, de A. C. de A. Azevedo, 406 páginas, Nova Fronteira.
3. Dicionário de História do Brasil, Moacyr Flores, 637 páginas, Edipuc.
4. Dicionário de História do Brasil Colonial, de Ronaldo Vainfas, 594 páginas, Objetiva.
5. Dicionário de História do Brasil Imperial, de Ronaldo Vainfas, 749 páginas, Objetiva.
6. Dicionário de História do Brasil, 617 páginas, Melhoramentos.
7. Dicionário Histórico do Brasil Colônia e Império, Liana Reis, 224 páginas, Dimensão.
8. Dicionário de Mulheres do Brasil, S. Schumacher, 566 páginas, Globo, 527 páginas.
9. Dicionário Crítico do Pensamento da Direita, de Francisco C. Teixeira da Silva, 460 páginas, FAPERJ / MAUAD.
10. Dicionário de Economia, Paulo Sandroni, 331 páginas, Best-seller.
11. Dicionário de História, de José Luiz Martins Nunes, 192 páginas. Estante .
12. Dicionário de História do Brasil, Antônio Rocha de Almeida, 527 páginas.
13. 500 anos 500 nomes, de José Luiz Martins Nunes, Estante.
14. Quem é Quem na História do Brasil, 512 páginas, Abril.
15. Personagens da Nossa História, 348 páginas, Riedel.

O Dicionário de História do Brasil para Vestibulandos terá **índices** diversos para facilitar o estudo: **Alfabético, Cronológico e por Assunto**.

Se você tiver interesse no Dicionário entre em contato para ser avisado do mês da publicação, provavelmente no **2º semestre de 2004**.

Abertura dos Portos	Conselho Ultramarino	Lei do Ventre-Livre	Pragmatismo Responsável
Abolição da Escravidão	Constituição da Mandioca	Lei dos Sexagenários	Proclamação da República
Açúcar	Coronelismo	Lei Eusébio de Queirós	Queremismo
Algodão	Courama	Lei Falcão	Quero Já
Aliança Liberal	Cristão Novo	Lei para Inglês Ver	Questão Christie
Aliança Libertadora Nacional	Deputados Classistas	Lindolfo Collor	Questão Militar
Aliança Nacional Libertadora	Derrama	Linha-dura	Questão Religiosa
Aliança Renovadora Nacional	Derrubador de Presidentes	Mãe dos Ricos	Quilombos
Alvará de Dona Maria	Desenvolvimentismo	Manifesto dos Mineiros	Reação Republicana
Ano Vermelho	Dinastia de Bragança	Mar de Lama	Reformas de Base
Anos de Chumbo	Direito de Asiento	Maragatos	Regresso Conservador
Anos Dourados	Diretas Já	Marmiteiros	República da Espada
Atentado da Toneleros	Doutrina de Segurança Nacional	Marquês do Pombal	República Juliana
Atentado do Riocentro	Eleições de Bico-De-Pena	Mazombos	República Nova
Ato Adicional de 1834	Eleições do Cacete	Milagre Econômico	República Rio-Grandense
Atos Institucionais	Encilhamento	Mineração	República Sindicalista
Avanço Liberal	Entradas	Monções	Revolta da Chibata
Balaiada	Entreguistas	Noite da Agonia	Revolta da Vacina
Banco do Brasil	Entulho Autoritário	Noite das Garrafadas	Revolta de Aragarcas
Bandeirantes	Era Mauá	Nova República	Revolta de Beckmann
Batalha de Trafalgar	Escravidão	Obras Faraônicas	Revolta de Felipe dos Santos
Batalha do Riachuelo	Estado de Sítio	Operação Bandeirantes	Revolta de Ibicaba
Batalhas dos Guararapes	Estado Novo	Operação Brother Sam	Revolta de Jacareacanga
Bipartidarismo	Forças Ocultas	Operação Mosquito	Revolta do Forte de Copacabana
Bloco Operário Camponês	Forças Terríveis	Operação Pan-Americana	Revolta dos Muckers
Bloqueio Continental	França Antártica	Pacote de Abril	Revolta de 1932
Borracha	França Equinocial	Pacto ABC	Revolução do Porto
Cabanagem	Frente Ampla	Pacto Colonial	Revolução de Avis
Cabanos	Frente Única Gaúcha	Pacto de Pedras Altas	Revolução dos Alfaiates
Caçador de Marajás	Funding-Loan	Pacto Oligárquico	Revolução Federalista
Café	Gado	Pai dos Pobres	Revolução Praieira
Camisas Verdes	Golpe da Maioridade	Parlamentarismo	Sabinada
Campanha Civilista	Governo Geral	Partido Brasileiro	Senadores Biônicos
Campanha da Legalidade	Grileiro	Partido Conservador	Sete Povos
Capitanias Hereditárias	Guarda Nacional	Partido Liberal	Sistema de Barracão
Capitão-do-Mato	Guarda Negra	Partido Português	Sistema de Parceria
Carta de 1824	Guerra da Cisplatina	Pau-Brasil	Tarifa Alves Branco
Carta de 1891	Guerra de Canudos	Paz de Ponche Verde	Tenentismo
Carta de 1934	Guerra do Contestado	Pelegos	Tráfico Negroiro
Carta de 1937	Guerra do Paraguai	Pena de Morte	Tratado de Assunção
Carta de 1946	Guerra dos Emboabas	Pica-Paus	Tratado de Badajós
Carta de 1967	Guerra Justa	Plano Cohen	Tratado de Madri
Carta de 1969	Guerras Platinas	Plano Cruzado	Tratado de Methuen
Carta de 1988	Guerrilhas	Plano de Metas	Tratado de Santo Idelfonso
Carta Régia de 1701	Homens Bons	Plano Salte	Tratado de Tordesilhas
Carta Testamento	Huguenotes	Plano Trienal	Tratados de 1810
Cartas Falsas	Imigração Alemã	Plebiscito	Tratados de Utrech
Casacas	Imigração Italiana	Pluripartidarismo	Tumbeiros
Casais Açorianos	Impeachment	Poder Moderador	União Ibérica
Casuísmos Eleitorais	Imprensa Nanica	Polaca	União Nacional dos Estudantes
Cavaleiro da Esperança	Inconfidência Mineira	Política das Salvações	Uti Possidetis
Cavalos no Obelisco	Intentona Comunista	Política do Café-com-leite	Voluntários da Pátria
Colônia de Sacramento	Intentona Integralista	Política dos Governadores	Zumbi
Coluna Prestes	Lei de Remessa de Lucros	Populismo	
Confederação do Equador	Lei de Terras	Positivismo	



DOMINÓ DE HISTÓRIA

É um conjunto de recursos didáticos criados em 1993 pelo professor **Pedro Lairihoy**. O Dominó custou 4 mil horas de pesquisa e elaboração. São **10 Dominós**. A parte de

História do Brasil é composta por 4 (Colônia, Império, República Velha + Era Vargas, Pós-1945) e a de **História Geral** é formada por 6 (Grécia, Roma, Idade Média, Idade Moderna, Século XIX, Século XX).

CONHEÇA O DOMINÓ GRATUITAMENTE

Você pode participar de uma aula para conhecer o método. É a **aula experimental**. É gratuita. Telefone para se informar.

GRUPOS DE 16 ALUNOS

MATERIAL DIDÁTICO - É composto por uma coleção de 83 provas e por 4 volumes encadernados, elaborados pelo professor.

HORÁRIOS - Entre as 8h e às 19h.

AVALIAÇÕES - Toda semana o grupo faz testes. O número desses varia, no mínimo 20 e no máximo 50 (por semana). Os testes são feitos em casa e corrigidos em aula. Não há aulas sem testes.

TELEFONE - Não se acanhe em telefonar para pedir mais informações. Os telefones são (51):

33 12 69 23
99 04 4000

SUPER SEMI-EXTENSIVO

1204 testes

VANTAGENS

Mesma carga horária do Extensivo: 40 aulas
DESCONTO de 175 reais na soma das mensalidades

CARGA HORÁRIA – duas e quatro horas por semana. Haverá 11 semanas com dois encontros (4 horas) e 18 semanas com um encontro (duas horas). Total de semanas: 29. Total de aulas: 40 (80 horas).

INÍCIO: 19 de maio (aulas experimentais e gratuitas para conhecer o método) e 26 de maio (início das atividades normais no cronograma).

ATRASADOS – se você receber esse jornal depois do início das aulas e quiser ingressar no curso, basta telefonar para se informar. Você será convidado a assistir a uma aula gratuita e sem compromisso.

Endereço: Rua Fernandes Vieira, n.º 325, sala 304 (na quadra do Zaffari). Quando você ligar vai falar comigo, professor Pedro Lairihoy. Responderei suas perguntas na hora, se não estiver no meio de uma aula.

RESUMO DO CURSO

Provas resolvidas

16	da UFRGS
24	da PUC
10	de Caxias
10	da ULBRA
8	de Passo Fundo
5	da UFSM
7	da FURG
3	de outras

83 no total

Meses	Testes
Maio	31
Junho	198
Julho	82
Agosto	204
Setembro	222
Outubro	220
Novembro	110
Dezembro	137
TOTAL	1204

TESTES CORRIGIDOS EM AULA

60	de Pré-História, Antiga e Média
112	de Idade Moderna
62	de Século 19
167	de Século 20
96	de Brasil Colônia
76	de Brasil Império
118	de República Velha + Era Vargas
153	de Brasil Pós-45
360	de Simulados e Revisões

1204 Testes ao todo

ALUNOS – o Dominó tem todo tipo aluno. A maioria não pretendia cursar História e foi atraída pela proposta diferente. Havia gente que estudava apenas em casa, alunos dos pré-vestibulares grandes e dos por Disciplina, e vários estudantes do ensino médio. Houve gente que entrou no começo do curso, bonitinho; e pessoas que pegaram o bonde andando. A quase totalidade dos alunos tinha notas inferiores a 20. Houve um grande crescimento. Veja a capa do jornal.

PERGUNTAS DOS ALUNOS:

É preciso conhecer História para cursar o Dominó?

Não. Há vários casos de pessoas que tinham notas muito abaixo da média. O importante é seguir a orientação do professor e fazer todos os temas.

A gente vê toda a matéria?

Sim. No primeiro encontro você recebe um cronograma com todas as aulas do ano. Ali estão indicadas todas as tarefas e questões a serem resolvidas. O cronograma é seguido rigorosamente. As aulas de História Antiga e Medieval são um curso à parte e ocorrem em datas a ser combinadas.

Como funciona a aula?

Ela tem duas partes. Na primeira, os testes feitos em casa são corrigidos. Todas as alternativas (A, B, C, D, E) são debatidas. É a parte mais importante da aula e ocupa 60% do tempo. A segunda parte é a montagem do Dominó. O Dominó é um baralho composto por ilustrações, pequenos textos e palavras-chave. Os assuntos que foram debatidos na correção se materializam em “peças” do baralho. Cada aluno recebe um número “x” de cartas e deve encaixá-las, justificando por que escolheu (por exemplo) encaixar a carta “Pau-Brasil” na carta “Período Pré-colonial”. O professor expõe a matéria durante a correção dos testes e na montagem do Dominó. A aula termina quando o Dominó fica pronto.